

O CRIME ORGANIZADO NO BRASIL

Stéfano Schwartz REGINATO¹
Glaucio Roberto Marques MOREIRA²

RESUMO: O presente trabalho abordará um problema muito sério e importante que assombra nossa atual sociedade brasileira, o Crime Organizado no Brasil, esse estudo visa entender como isso se instalou no nosso país e algumas origens e indícios dos primeiros acontecimentos e fatores que contribuíram para a incrustação de tal ardilosa e famigerada prática no nosso país.

Palavras-chave: Crime Organizado. Ilha Grande. P.C.C. Comando Vermelho. Fenômeno do Cangaço. Ditadura Militar.

1 INTRODUÇÃO

O tema visa tratar sobre o surgimento do crime organizado no Brasil e os fenômenos e fatores que levaram a origem de tal “parcela obscura da sociedade”.

O crime organizado está encrustado em quase todos os setores e classes sócias do país, tornando-se um problema extremamente sério, tendo em vista que tais organizações estão intimamente ligadas à corrupção e má administração pública, contribuindo ativamente para os outros demais reveses que assolam nossa sociedade contemporânea.

Este assunto fora escolhido devido à curiosidade de saber como se implantou em nosso país essas diversas organizações que infligem tanto terror em nossa comunidade de forma tão organizada com hierarquias, leis e julgamentos paralelos ao estado, garantindo muitas vezes que seus atos passem impunes fazendo com que cresça o sentimento de insegurança e impunidade da população e ocasionando assim a “ridicularização” do poder estatal.

¹ Discente do 5º ano do curso de Direito do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: stefano_reginato@toledoprudente.edu.br

² Docente do curso de Direito do Centro Universitário “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Doutorando e Mestre em Direito, com ênfase em Direito Constitucional, pela Instituição Toledo de Ensino – ITE de Bauru – SP, graduado em Direito pelas Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente – SP, Delegado de Polícia do Estado de São Paulo e Professor de Ciências Políticas, Teoria Geral do e Direito Penal na Toledo Prudente Centro Universitário. e-mail: glaucio Marques@toledoprudente.edu.br

O que nos chama a atenção é que esse problema só foi assumido por alguns governantes há pouco tempo atrás, talvez por intuído de não alarmar a população e causar uma espécie de pânico generalizado ou por alguma política de segurança pública ou talvez por mero descaso ou vaidade das autoridades de não assumir que haviam perdido o controle total da sociedade para uma espécie de poder paralelo que há tempos estava presente rodando e assombrando o Brasil.

Existem divergências de quando efetivamente iniciou-se o crime organizado no Brasil, alguns estudiosos e historiadores afirmam que tal fenômeno originou-se com a atuação dos chamados “cangaceiros” no Nordeste Brasileiro, outros já intendem que isso tudo teve início em um passado mais recente, durante o regime militar que vivemos no período de (1964-1985) quando misturaram presos políticos com ideais revolucionários e contrários ao governo com a demais massa carcerária, porém não estamos aqui para solucionar e pacificar permanentemente essa discussão.

É certo que para a solução de um determinado problema é necessário saber de onde se originou o mesmo, como, quando e porque, dessa forma, conhecendo afundo todos esses critérios é bem provável que se chegue a algumas ideias para a solução do respectivo, por isso o estudo desse tema mostra-se muito importante merecendo ser estudado e abordado no presente trabalho.

2 CONCEITO DE CRIME ORGANIZADO

Anteriormente o nosso ordenamento vigente contava com duas normas que se referem especificamente ao crime organizado:

-A Lei nº 9.034/1995 – que dispõe sobre a utilização de meios operacionais para a prevenção e repressão de ações praticadas por organizações criminosas (autorizou a ação controlada e acesso a dados e informações fiscais, bancárias, financeiras e eleitorais); e

- **A Lei nº 10.217/2001** – que alterou os artigos. 1º e 2º da Lei nº 9.034, de 3 de maio de 1995 (autorizou a interceptação da comunicação e a infiltração de policiais nas organizações criminosas).

Porém nenhuma delas trazia o conceito propriamente dito de crime organizado, em razão dessa lacuna legislativa o Brasil precisou adotar a definição estabelecida pela “Convenção de Palermo” ou “Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional”, realizado no dia 15 de Dezembro de 2000.

Tal convenção trazia a seguinte definição para o respectivo tema:

"Grupo estruturado de três ou mais pessoas, existente há algum tempo e atuando com o propósito de cometer uma ou mais infrações graves ou enunciadas na presente Convenção, com a intenção de obter, direta ou indiretamente, um benefício econômico ou outro benefício material".

Com a **Lei 12850/13** | Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013, chamada Lei do Crime Organizado veio colocar um ponto final nessa questão, ela traz expressamente o conceito de crime organizado, afirmação a seguir exposta:

CAPÍTULO I

DA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA.

Art. 1º Esta Lei define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal a ser aplicado.

§ 1º Considera-se organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas penas máximas sejam superiores a 4 (quatro) anos, ou que sejam de caráter transnacional.

3 DITADURA MILITAR NO BRASIL

Trata-se do período da política brasileira que os militares governaram o país, tal período se estendeu do ano de 1964 até o ano de 1985, essa época ficou marcada pela ausência de democracia, supressão de direitos constitucionais, vários tipos de censura, e onde efetivamente nos interessa perseguição política e

repressão aos que eram contra o regime, pessoas que nutriam tais ideias que divergiam dos então governantes, os militares, eram chamados de subversivos.

3.1 O GOLPE MILITAR DE 1964

O país estava em crise desde a renúncia de Jânio Quadros em 1961, com a sua renúncia quem assumiu, em um clima político adverso e instável, diga-se de passagem, foi o vice João Goulart que governou de 1961 a 1964, esse período foi marcado pela abertura de muitos sindicatos dos mais variados tipos e de diversas organizações sociais rumando o país meio que para um caminho socialista, causando um extremo desconforto nos ideais conservadores de direita que pessoas como banqueiros, empresários, a Igreja Católica, militares e demais integrantes da classe média-alta possuíam.

Com tantas mudanças e agitações presentes no cenário político nacional o medo de um golpe comunista era frequente, então João Goulart no dia 13 de Março de 1964 realiza um grande comício na Central do Brasil (Rio de Janeiro) onde defendia um plano de reforma de base na estrutura do país, plano esse que alteraria a economia, estrutura agrária e educacional, esse foi o estopim que acendeu o famoso golpe militar de 1964, em contra partida os chamados conservadores, que nutriam ideais políticos de direita, organizaram a chamada Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que reuniu milhares de pessoas no centro da cidade de São Paulo.

O clima de instabilidade só piorou e o risco de uma guerra civil era eminente, tropas de São Paulo e Minas Gerais estavam extremamente agitadas, então João Goulart se viu obrigado a deixar o país refugiando-se no Uruguai.

Os militares enfim tomam o poder e no dia 9 de Abril de 1964 é decretado o Ato Institucional número cinco, o famoso AI-5, que cassou os mandatos políticos de opositores, além de restringir diversas garantias constitucionais e aumentando muito o poder do chefe do Estado Maior (presidente), tal mecanismo era o que faltava para consolidar a chamada linha dura do regime militar.

4 O INÍCIO DO COMANDO VERMELHO E O INSTITUTO PENAL CÂNDIDO MENDES, O CHAMADO PRESÍDIO DE ILHA GRANDE

4.1 O início

Com o início do regime militar começaram a surgir novos tipos de delitos que outrora jamais haviam sido registrados no Brasil, aqueles pensamentos sócio comunista começaram a se materializar em uma série de ações e muitas delas armadas contra o regime vigente, assalto a banco, atendados terroristas, sequestros atendados a bomba, essas eram algumas das atividades executadas por essa chamada “frente armada”.

Os líderes desses grupos eram extremamente organizados, tinham amplo conhecimento em técnicas de guerrilha urbana se baseando por pensamentos e ensinamentos de um dos mais famosos guerrilheiros de todos os tempos “Che Guevara”, tais ações tinham como objetivo exclusivamente um fim, desestabilizar o governo para que mudasse a forma do regime urgentemente.

Os militares eram extremamente enérgicos e reprimiam com fervor tais práticas, era comum torturarem essas pessoas para que se chega-se a algum líder ou a programação de algum plano que os chamados “subversivos” estavam tramando.

Passava-se por cima de vários preceitos constitucionais e não havia qualquer respeito aos direitos humanos, “todo e qualquer método era possível ser utilizado contra os subversivos em prol do governo”, muitas vezes a pessoa nem era adepta dos ideais socialistas, ou era, más não participava desses grupos, para os militares não importava, mesmo que por alguma ínfima desconfiança, esse tipo de individuo era interrogado e até mesmo torturado sem qualquer tipo de proteção legal.

Ninguém ficava sabendo das atrocidades que aconteciam nos “porões da ditadura”, e os que sabiam nada podiam fazer já que o governo censurava com veemência todo e qualquer tipo de meio de comunicação, colocando uma verdadeira amordaça nos jornalistas e na população em geral.

Porém, tudo começou a piorar para o lado dos militares quando presos políticos, adeptos das mais variadas técnicas guerrilheiras, muito bem treinados e movidos por um emocionante ideal de esquerda, foram “misturados” com presos comuns nas instituições prisionais.

Para muitos estudiosos do ramo e historiadores, esse foi o ponto chave para a criação do maior ou com certeza de um dos maiores problemas sociais vivenciados pela população do nosso país, o chamado “Crime Organizado”.

Esses “detentos guerrilheiros” começaram a passar o que aprenderam aos demais presos, ensinaram como se organizarem, se planejarem antes de cometerem seus delitos, respeitarem hierarquias e as mais variadas técnicas de guerrilha que se possa imaginar, e assim deu início a uma das maiores famosas facções criminosas do nosso país, o temido Comando Vermelho, neste sentido escreveu AMORIM (2004, p. 58):

Sessenta e seis homens condenados por atividades revolucionárias passaram pela Galeria B, entre 1969 e 1975, quando os presos políticos começaram a ser transferidos para uma unidade especial do Departamento devolveu todos eles à liberdade. Os presos políticos foram embora, mas deixaram, muitas marcas na vida do presídio da Ilha Grande. Naquele mesmo setor do Instituto Penal Cândido Mendes – a Galeria B – estavam os presos comuns condenados por crimes previstos na LSN, como assaltos a bancos e instituições financeiras. O governo militar tentou despolitizar as ações da esquerda, tratando-as como “simples banditismo comum”, o que permitia também uma boa argumentação para enfrentar as pressões políticas internacionais em prol da anistia e contra as denúncias de tortura. Nivelando o militante e o bandido, o sistema cometeu um grave erro. O encontro dos integrantes das organizações revolucionárias com o criminoso comum rendeu um fruto perigoso: o Comando Vermelho.

A convivência desses dois distintos grupos de marginais, contribuiu para uma troca de conhecimentos, pessoas com elevado nível intelectual, passavam informações a pessoas de um nível de instrução muito baixo, porém com uma vasta experiência na vida do crime, e foi nessa mistura que foi “se formando a coisa”. Amorim mostra essa realidade na sua obra *CV_PCC: A IRMANDADE DO CRIME*, trechos de diálogo seus com pessoas que estiveram no presídio como presos políticos:

Ele me disse na ocasião que os presos comuns, quando reunidos aos presos políticos, “viviam uma experiência educadora”. “Passavam a entender o mundo e a luta de classes”, explicou, “compreendendo as razões que produzem o crime e a violência”. O mais importante da conversa com o velho comunista se resume num comentário: - A influência dos prisioneiros políticos se dava basicamente pela força do exemplo, pelo idealismo e altruísmo, pelo fato de que, mesmo encarcerados, continuávamos mantendo organização e a disciplina revolucionárias. (AMORIM, 2004, p.64)

Essa troca “abriu” a mente dos detentos comuns perante a um novo universo. Os presos comuns passaram a ler livros para aperfeiçoar suas técnicas, tais como: A Guerrilha vista por dentro, Guerra de Guerrilha (Che Guevara), O Manifesto do Partido Comunista (Karl Marx e Friedrich Engels), A Concepção Materialista da História (Afanassiev), A História da Riqueza do Homem (Leo Hubberman), e Conceitos Elementares da Filosofia (Martha Hannechker)(AMORIM, 2004, página 95). Sobre tal afirmação também falou Willian (1991 apud AMORIM, 2004, pág 95), fundador do Comando Vermelho:

[...] Quando os presos políticos se beneficiaram da anistia que marcou o fim do Estado Novo, deixaram na cadeia presos comuns politizados, questionadores das causas da delinquência e conhecedores dos ideais do socialismo. Essas pessoas, por sua vez, de alguma forma permaneceram estudando e passando suas informações adiantes [...] Repercutiam fortemente na prisão os movimentos de massa contra ditadura, e chegavam notícias da preparação da luta armada. Agora Che Guevara e Régis Debray eram lidos. Não tardaria contato com grupos guerrilheiros em vias de criação. (WILLIAN, 1991 *apud* AMORIM, 2004, p. 95)

Em determinado momento, mais precisamente no ano de 1979, quando não se encontravam mais presos políticos no interior do Presídio de Ilha Grande, a massa carcerária estava dividida, em casa pavilhão havia um agrupamento de presos que possuía ideais e condutas diferentes uns dos outros, dessa forma é fácil imaginar que o poder dentro do presídio estava fragmentado entre as diferentes “facções”, mais uma vez utiliza-se da obra de Amorim para evidenciar tal afirmação:

A falange Zona Sul comanda a maior parte da Galeria C. [...] especialidade do grupo é o jogo e o tráfico de drogas no presídio. [...] A falange exerce influência sobre cem internos, especialmente porque se responsabiliza por uma série de tarefas de interesse comum, colaborando com a administração na manutenção de instalações e serviços da cadeia. A falange da Coréia é a dona de um pedaço da Galeria C. [...] Cem presos acatam as ordens dos líderes da gangue. A prática de violência sexual e o ataque para roubar outros presos são a característica desses ‘falangistas’. [...] Mais tarde, quando estoura a guerra que vai dar a hegemonia do presídio ao Comando Vermelho, os dois grupos da Galeria C se unem e formam o Terceiro Comando. Outra falange da Ilha Grande reúne os ‘Independentes’ ou ‘Neutros’. Na verdade uma neutralidade aparente, porque esses homens são uma força de apoio da Falange Jacaré. [...] Os ‘neutros’ têm atuação reconhecida por mais de duzentos presidiários na Ilha Grande. A Falange Zona Norte ou Jacaré é que determina para onde o vento sopra. [...] As outras falanges mantêm com a jacaré uma prudente relação de respeito e colaboração. Os únicos inimigos do grupo estão trancados no ‘fundão’, praticamente incomunicáveis, sem contato com o resto do presídio. Lá se organiza a falange LSN, embrião do Comando Vermelho, sob orientação de alguns presos que tiveram a vida carcerária tremendamente influenciada pelos condenados de origem política. [...] A Falange Jacaré administra o pedágio na Galeria D e no próprio coletivo do Presídio Cândido Mendes. Tráfico de drogas e armas, só com a participação ou autorização do grupo, que recolhe um ‘dízimo’. Ou seja: toda a atividade criminosa na cadeia só serve para aumentar o poder dos ‘jacarés’. (AMORIM, 2004, p. 70 - 73)

É evidente que essa divisão, somada as intempéries do cárcere, as condições lastimáveis da prisão e a pré-disposição violenta dos detentos, iria ocasionar uma luta pelo controle da Unidade Prisional, que seria vencida pelo Comando Vermelho. Como se analisou as falanges Jacaré, Coréia, Zona Sul e Independentes comandavam o terror dentro da cadeia, a reação a esses crimes se origina de maneira discreta no “fundão”, localizado na galeria B. Os motivos para tal iniciativa da “turma do Fundão” começar a luta serão mostrados a seguir nas palavras do próprio Willian, líder do Comando Vermelho, no livro de Amorim:

O ambiente era paranóico, dominado por desconfianças e medo, não apenas da violência dos guardas, mas também da ação de quadrilhas formadas por presos para roubar, estuprar e matar seus companheiros. [...] Matava-se com frequência, por rivalidades internas, por diferenças trazidas da rua ou por encomenda da própria polícia, que explorava de forma escravagista o trabalho obrigatório e gratuito. [...] Oito presos da Galeria B, que tiveram contato muito próximo com os militantes das organizações revolucionárias, formam um grupo coeso. Uma fé cega, uma ‘questão de princípio’: responder à violência das falanges. Se preciso, com violência ainda maior.(AMORIM, 2004, p.99)

Fica mais uma vez evidenciado a culpa do poder Estatal para o surgimento das organizações criminosas. Os próprios policiais são mencionados como interessados, incitadores e beneficiados pelos crimes que assolavam o presídio.

A existência de determinados grupos no interior do presídio com a finalidade de receber vantagens ou não, já se apresentava como poder paralelo, pois quem controlava a massa carcerária eram os líderes das facções, poder esse de responsabilidade Estatal. É evidente que as autoridades competentes, ou incompetentes nesse caso, dos dias atuais, não aprenderam com os erros do passado e até hoje todo esse poder paralelo que traz armas, drogas e o que mais lhes for útil dentro do presídio, ainda estão de maneira escancarada comandando a grande maioria das unidades prisionais espalhadas pelo país.

Uma tentativa de fuga frustrada, articulada por 11 membros do Comando Vermelho no dia 18 de Agosto de 1979, serviu para piorar ainda mais a situação “efervescente” das facções criminosas para o controle do presídio, pois um preso que detinha passagem livre entre as facções delata a tal fuga ao capitão ocasionando um massacre que fica conhecido como “Noite de São Bartolomeu” (AMORIM 2004, pág, 121).

O Comando Vermelho não deixaria passar impune tal “caguetagem”, delação na linguagem dos presos, e passou a investigar com fervor quem seria o delator. A conclusão da investigação seria catastrófica para a relação das falanges, como mostra a obra de Amorim:

A sentença de morte é irrecorrível. Alguém vai mesmo morrer. Todos os homens que aceitam a orientação do Comando Vermelho, dentro e fora da Galeria LSN, procuram a pista que leve ao delator. [...] por uma dessas infelicidades da vida, as melhores informações apontam na direção da pessoa errada. É um preso que há tempos carrega a suspeita de colaborar com a administração do presídio. Só para piorar: é interno do território da Falange Jacaré, na Galeria C. Foi assassinado a facadas no dia 13 de setembro de 1979. Mas não tinha nada a ver com o peixe. (AMORIM, 2004, p.126)

Os jacarés não iam deixar passar impune tal injustiça da facção contrária e imediatamente começaram a arquitetar um plano para se vingar, o modo encontrado foi desmoralizar as “regras” do Comando Vermelho dentro do seu próprio território. O plano era um interno da galeria B, comandada pela facção LSN, iria assaltar um companheiro de cela e repassar o dinheiro a um dos comandantes da falange Jacaré (AMORIM, 2004, pág 131). A morte do transgressor é relatada no livro Memórias de Silva:

[...] um preso do nosso coletivo assaltou um companheiro, rompendo o pacto de não-violência que havíamos estabelecido entre nós. Como agravante, assumiu uma posição desafiadora quando o assunto foi trazido à luz: estava inspirado e apoiado pela quadrilha que então dominava toda a Ilha Grande, cobrando pedágios, matando e estuprando. O produto do roubo, quando investigamos, já fora enviado para fora do “fundão”. Era uma provocação. Aceitar sua impunidade seria uma confissão de fraqueza, desunião e pusilanimidade. Nesses momentos críticos é que a vida se põe à prova. Em nosso caso, o cadáver do preso assaltante, retirado ainda ensanguentado e quente pelos guardas, ao longo das galerias, anunciou a toda Ilha grande que não estávamos intimidados, nem rendidos, nem brincando. Quem, diante de nós, quisesse manter os velhos hábitos das cadeias – estuprando, matando e assaltando – que se preparasse para as consequências. (SILVA, 1991 *apud* AMORIM, 2004, p. 132)

Com isso nota-se que o controle da unidade estava diretamente sendo disputado pelas facções Jacarés e falange LSN, porém o poder de uma não conseguiu se sobressair ao da outra, surgindo uma oportunidade para a ascensão de uma outra facção, no caso o Comando Vermelho.

Assim em forma de ultimato os líderes do Comando Vermelho, juntamente com os Líderes da Falange LSN, impuseram um prazo de 48 horas para que os membros da Falange Zona Norte se rendessem as suas regras. Os membros de tal falange, temendo a ameaça, não saíram de seus pavilhões nem mesmo para

se alimentar (AMORIM, 2004, pág 133). Findado o prazo a Falange Jacaré não se submeteu, então se deu origem a um evento citado anteriormente a chamada “Noite de São Bartolomeu” citado abaixo nas palavras do livro de Amorim:

Durante toda a madrugada os “vermelhos” afiam as armas. [...] O Comando Vermelho invade a galeria ao raiar do dia. [...] O grupo anuncia aos berros que vai poupar a vida de quem quiser se render [...] A galeria é só gritos. [...] A pressão é tão grande que os prisioneiros encurralados resolvem enfrentar o ultimato frente a frente. [...] A idéia é mostrar que não têm medo e que tudo não passa de um blefe dos “vermelhos”. A batalha é rápida, sangrenta, implacável. Mais de três dezenas de homens do Comando Vermelho caem em cima deles. São mortos a socos e pontapés, pauladas e golpes de estoque. [...] Isso basta para que dez presos se rendam e passem à “cela de segurança”, cuja porta está vigiada pelo Comando. [...] a porta do cubículo 24 começa a ser arrombada [...] é a vez dos líderes mais temidos da Falange Zona Norte [...] Os quatro são despedaçados em minutos, a cela é invadida e outros dez presos são feridos. [...] o massacre de 17 de setembro de 1979 marca a tomada do poder pelo Comando Vermelho na Ilha Grande. Os grupos menores, que viviam à sombra da Falange Zona Norte, estabelecem imediatamente um pacto com os “vermelhos”: a cadeia agora tem uma só liderança. (AMORIM, 2004, p. 134-136)

A principal consequência de tal evento foi à ascensão definitiva do Comando Vermelho dentro da cadeia como grupo organizado, as enormes dimensões dos fatos que ocorreram naquele dia foram relatadas pelos soldados aos seus superiores, e eles novamente em um ato de omissão, não tomaram as devidas providências perante o caso, isso fortificou ainda mais o Comando Vermelho e essas experiências foram passadas para as demais instituições penais e a história do Comando Vermelho começou a ser disseminada.

A partir de então o “Partido” só cresceu aderindo cada vez mais e mais membros até chegar à dimensão que se encontra hoje em dia.

A organização sofreu uma série de mudanças no decorrer de sua história, inicialmente os líderes ajudavam as comunidades onde atuavam, talvez pela influência Marxistas adquiridas com os presos políticos, porém hoje em dia suas áreas de atuações não estão restritas as comunidades que controlam ou a presídios, o poder paralelo está encrustado em toda a parcela da sociedade, englobando as mais altas cúpulas da política e de empresas, o problema ficou tão sério, o poder se fortaleceu tanto que será extremamente difícil extirpar essa prática do nosso meio.

Atualmente o “cabeça” do Comando Vermelho, o chefe, a pessoa que está no topo da cadeia hierárquica de comando dessa organização atende pelo

nome de Luiz Fernando da Costa, vulgo “Fernandinho Beira-Mar”, ele ganhou o “título” de maior traficante da América do Sul e é considerado pelas autoridades Norte-Americanas como uma ameaça a segurança pública mundial. Sua principal prática criminosa é o tráfico ilícito de entorpecentes, essa é a base de quase todas as grandes organizações criminosas, é isso que financia todas as demais práticas ilícitas, essa é a grande força do crime organizado e do poder paralelo, Amorim traz em seu livro uma noção da magnitude dos negócios de Beira-Mar:

Os homens ligados à inteligência da polícia do Rio de Janeiro garantem que ele movimentava 240 milhões de dólares por ano. É, provavelmente, o maior traficante brasileiro, expoente do Comando Vermelho, com influência no Paraguai, na Bolívia e na Colômbia. [...] A operação criminosa de Fernandinho Beira-Mar rende, segundo a polícia, quatro milhões de dólares de lucro líquido por mês, cerca de 44 milhões de dólares por ano. Sem impostos. É uma das mais rentáveis empresas do país. (AMORIM, 2004, p. 27)

É notório como esse indivíduo rege seu império criminoso como se fosse uma empresa, ou como se fosse um verdadeiro reino, um maligno reino de crimes e barbárie. Estudos mostram que Fernando visa unificar todo o tráfico de drogas do Rio de Janeiro e do Brasil, eliminando e subjugando todos que se encontram em seu caminho, para isso ele conta com o apoio de organizações criminosas que ele está aliado, para que tal afirmação seja vislumbrada com mais propriedade vejamos mais um ensinamento de Amorim:

[...] o maior traficante brasileiro está a um passo de reunir negócio em torno de uma entidade que ele chama de Federação. Os aliados Comando Vermelho, PCC e Comando Vermelho Jovem eliminaram, na rebelião de Bangu Um, o principal líder adversário, Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê. [...] Em seguida, o traficante Celsinho da Vila Vintém, chefe da ADA (Amigos dos Amigos, como na Máfia Siciliana *Amici dei tutti Amici*), se rendeu. [...] De outro lado, em São Paulo, o PCC ataca e destrói parte da Seita Satânica e do CDL, organizações ativas dentro e fora das cadeias paulistas. Os homens do PCC já eliminaram a maioria dos chefes desses grupos, assassinados em revoltas carcerárias. Na rua, o método é o de chacinar os adversários em bares e pontos-de-venda de drogas na periferia, principalmente na zona sul da capital paulista. [...] A Federação estende suas garras por quase todo o país. (AMORIM, 2004, p.33)

Com isso vimos o monstro que as diversas omissões do Estado criaram, podemos mostrar um pouco da amplitude dessa organização e os problemas que ela vem criando, se não mudarem drasticamente as políticas de segurança pública e adotarem práticas enérgicas e inteligentes o Comando Vermelho vai continuar lá, firme, forte e atuante na nossa sociedade.

4.2 O Presídio de Ilha Grande

O instituto penal Cândido Mendes, mais conhecido como Presídio de Ilha Grande é o melhor exemplo do que acabará de ser falado logo acima, lá foram detidos inúmeros “presos políticos” juntamente com presos comuns, que eram chamados de jacarés.

Passemos a discorrer brevemente sobre a instituição em si. A construção do presídio data da época da Primeira República, mas sua construção não foi realizada para o intuito de encarcerar pessoas, na sua essência ele era um posto fiscal sanitário que fiscalizava os navios que tinham indícios de trazerem consigo a febre tifoide da Europa e as demais enfermidades existentes na África naquela época. Somente em meados dos anos de 1920 que sua utilidade passou a ser de unidade prisional, com o intuito de abrigar idosos e aqueles que se encontravam em fase de término da pena. Na década de 60 o presídio passa a ser de segurança máxima e começa a receber os bandidos de maior periculosidade (AMORIM,2004). As condições no presídio eram precárias, forneciam qualquer tipo de conforto por mínimo que fosse, os galpões eram de madeira e no chão existia nenhum tipo de piso, era de areia batida cercado com arame farpado. Depois foram construídas galerias de três andares, como nas penitenciárias modernas (AMORIM,2004). Com as péssimas condições de vida os presos eram acometidos por toda a espécie de pragas e enfermidades. Sobre os dizeres do ilustre escritor Graciliano Ramos podemos ter uma breve noção de como era a vida no cárcere dentro do presídio:

[...] A gente mais ou menos válida tinha saído para o trabalho, e no curral se desmornava o rebotalho da prisão, tipos sombrios, lentos, aquecendo-se ao sol, catando bichos miúdos. Os males interiores refletiam-se nas caras lívidas, escaveiradas. E os externos expunham-se claros, feridas horríveis. Homens de calças arregaçadas exibiam as pernas cobertas de algodão negro, purulento. As mucuranas haviam causado esses destroços, e em vão queriam dar cabo delas. Na imensa porcaria, os infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga. Deficiência de tratamento, nenhuma higiene, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos. Enfim, não nos enganávamos. Estávamos ali para morrer. (RAMOS, 1995 *apud* AMORIM, 2004, p. 52)

Graciliano Ramos, mesmo sem nunca ter sido julgado, foi um dos detentos desse famigerado presídio, na sua obra ele conta que não bastando as

condições desumanas físicas do local o tratamento que os agentes do Estado tinham com os detentos deixavam suas mentes extremamente perturbadas, tal alegação fica evidenciada na seguinte passagem exposta na sua obra:

Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Os que têm protetores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer! (RAMOS, 1995 *apud* AMORIM, 2004, p. 52)

Outro mal que sempre assolou o tal presídio era a superlotação, mostrando que esse problema não está presente só nas atuais unidades prisionais. Para se ter noção, em 1979 haviam 1284 pessoas encarceradas no presídio, quando o mesmo suportava apenas 540 pessoas, isto é, ele trabalhava com mais que o dobro da sua capacidade.

A população carcerária sofria com as mais variadas privações, eram essas falta de alimentos, colchões, uniformes, cobertores, papel higiênico, vale apenas salientar que eles nunca receberam esse último item citado. Existem relatos de que até os soldados sofriam com a falta de apoio das autoridades competentes, tendo que comprar armas e munições utilizando seu próprio salário. Com tanto abandono e sofrimento existente em um lugar só surgiu um apelido a altura de tamanho mal, o presídio passou a ser conhecido como o Caldeirão do Diabo.

5 PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL (PCC)

Como sabemos o Comando Vermelho foi à inspiração para a criação de outras facções criminosas, a sua organização e hierarquias são praticamente as mesmas e todas se fortalecem pelo mesmo motivo, a omissão do Estado.

Não foi diferente no Estado de São Paulo, área de atuação da famosa organização Primeiro Comando da Capital, mais conhecida como PCC, no ano de 1993 pessoas ligadas ao sistema penal paulista já faziam relatórios de uma suposta organização criminosa que estava se formando, já em 1995 um repórter investigativo da Rede Bandeirantes de Televisão alerta para a existência de um “Partido do Crime”, e em 1996 falava-se de um Estatuto do Crime circulando pelas ruas da Capital e pelas inúmeras instituições prisionais estado a fora, apesar de todos esses indícios e relatos as autoridades nada fizeram, deixando que a organização

ganhasse força o que permitiu o seu florescimento sem maiores contratempos, sem o menor temor ao Estado.

A real origem da facção aconteceu na Casa de Custódia de Taubaté, primeiramente seu intuito não foi de nomear uma organização criminosa, esse nome foi usado em uma prática esportiva, mais precisamente em um jogo de futebol, os detentos nomearam um time como Primeiro Comando da Capital, Amorim conta em riqueza de detalhes essa passagem em seu livro:

Na cela sempre escura da Casa de Custódia de Taubaté [interior de São Paulo], numa quinta-feira, os seis detentos ainda estavam com as camisas suadas. [...] O talento com a bola tinha rendido a eles fama e liderança na prisão. E também um nome para o time: “Comando da Capital”. Transferidos de São Paulo para o interior, foram desafiados pelo time local [da cadeia], formado por presos da terra: “Os Caipiras”. Naquela noite, mais uma vitória. Cesinha, franzino de olhos incrivelmente vivos, questiona os companheiros de penas: ‘- Nossa união e luta vai se resumir à vitória no futebol? Por que não aproveitamos esta força para lutar pelos nossos direitos? Até quando vamos ser tratados assim, sem respeito?’ Geléia [José Márcio Felício], amigo de coração e de crime de Cesinha [César Augusto Roriz], acompanhou o discurso inflamado do outro e também falou naquela noite: ‘- Como vamos chamar esse novo ‘time’? - Primeiro Comando da Capital – batizou Cesinha, usando parte do nome do time que os consagrara na cadeia.’ (AMORIM, 2004, p. 374)

E assim surgiu o PCC, por um simples jogo de futebol veio o nome de uma das mais perigosas organizações criminosas do nosso país, com a popularização do nome a organização foi crescendo, o poder foi se instalando, as cadeias hierárquicas se formando e em um curto espaço de tempo a organização ganhou uma magnitude considerável:

[...] Subestimado pelo governo, que não conhece a realidade das cadeias, o PCC criou raízes em todo o sistema carcerário paulista. Nas prisões, diretores ultrapassados, da época repressão [no regime militar], tentavam resolver o problema de maneira que em foram doutrinados: porretes, choques, água fria, porrada ... Não foi suficiente. Em menos de três anos, já eram três mil. Em menos de dez anos, 40 mil. (AMORIM, 2004, p. 375)

O momento que realmente essa organização é apresentada para a sociedade foi no dia 18 de Fevereiro de 2001, durante a rebelião dos Presidiários Paulistas, mais não foi uma rebelião qualquer, foi um ato nunca antes visto, os principais presídios paulistas se rebelaram simultaneamente mostrando organização, força e nenhum respeito perante as autoridades, diante tamanho caos as autoridades entraram em pânico sem saber o que fazer para sanar o problema.

O estopim das rebeliões foi no outrora gigantesco, e hoje em dia demolido, presídio do Carandiru, para pior a situação tal ato ocorreu no dia de visita, colocando muito mais vidas em jogo, qualquer atitude tomada pelo estado teria que ser muito bem pensada. A organização desses movimentos foi toda arquitetada por intermédio de aparelhos celulares que os próprios guardas introduziam dentro da cadeia, Sobre a organização do motim:

Durante a noite de sábado e a madrugada de domingo, os líderes do Primeiro Comando da Capital (PCC), espalhados por presídios em quase todo o Estado de São Paulo, decretam a revolta. A principal arma dos revoltosos é o telefone celular, introduzido nas celas com a conivência dos guardas. [...] Eles passam horas falando nos pequenos aparelhos telefônicos. Não foram detectados. Mas foram atendidos pela metade de todos os 60 mil encarcerados. A ordem [...] é muito simples: quando as visitas estiverem dentro dos muros, no domingo, dia quase sagrado de receber os familiares, as crianças, amigos, começa o levante. (AMORIM, 2004, p. 385)

O principal motivo para tal rebelião foi à transferência dos principais líderes do PCC para presídios de segurança máxima no interior paulista, as autoridades fizeram diversos acordos com a bandidagem para que os amotinados se rendessem, porém o governador foi categórico em não ceder a pressão dos marginais que queriam que os líderes do “partido” fossem remanejados de volta para a capital.

Guardas penitenciários são cercados e rendidos. Começa o alvoroço das visitas. [...] No interior das galerias, colchões são incendiados. Presos rivais são mortos por grupos armados. Vários foram degolados. Em menos de uma hora, mais de dez presídios estão na mesma situação. Duas horas depois, o número já passa de vinte. [...] A tropa de choque da Polícia Militar convoca todo o seu efetivo, reunindo mais de dois mil policiais. [...] A força pública cerca os presídios, em dezenas de cidades paulistas. [...] Os mortos somam 16, muitos do quais espancados e perfurados com dezenas de golpes de estoques. [...] Os crimes - no entanto - foram cometidos de forma brutal. Todos os cadáveres alinhados em 19 de fevereiro de 2001, pertenciam a grupos rivais ao PCC, especialmente à Seita Satânica [...] além do CDL (Comitê da Liberdade) [...] Com a rebelião, o PCC declarava publicamente a sua hegemonia sobre os presídios paulistas. Uma hegemonia referendada pela própria amplitude da rebelião, que mobilizou 27 mil presidiários. (AMORIM, 2004, p. 386)

O grande motim foi idealizado pela pessoa de José Márcio Felício, vulgo “Geléia” ou “Geléião”, bandido cruel e perigoso, porém que não foi em toda a sua vida um bandido perigoso, é certo que determinadas pessoas pode ter maior “inclinação genética” para práticas delituosas, mais as condições sociais e educativas estão intimamente ligadas com o futuro do indivíduo. Um pouco da

historia de “Geléia” merece ser contada, pois se assemelha a de inúmeros jovens espelhados pelo país:

Aos setes anos [...] estava para ser abandonado pela segunda vez. Quando nasceu, a mãe verdadeira o largou aos cuidados de uma senhora cristã que se prestou a criá-lo. [...] Mesmo com muitas carências, era um ambiente aparentemente seguro, onde o garoto crescia com alguma proteção e afeto. Mas o quadro muda de repente. [...] A madrasta arrumou um marido [...] Na quebra-de-braço com o padrasto [...] o menino perdeu. [...] A mãe agora o estimulava a ficar na casa de amigos do bairro [...] queria que o pequeno deixasse de ser um obstáculo [...] José foi ficando longe. Tão longe que começou a não voltar. A turma da vizinhança – onde já havia garotos ligados ao crime – pesava decisiva na balança da vida. (AMORIM, 2004, p. 371)

Infelizmente essa realidade é vivida por inúmeras crianças nos mais diversos pontos do país, vejamos o relato de Willian, fundador do Comando Vermelho:

[...] Vou aos morros e vejo crianças com disposição, fumando e vendendo baseado. Futuramente, elas serão três milhões de adolescentes que matarão vocês [a polícia] nas esquinas. Já pensou o que serão três milhões de adolescentes e dez milhões de desempregados em armas? Quantos Bangu Um, Dois, Três, Quatro, Cinco... terão que ser construídos para encarcerar essa massa?(AMORIM, 2004, p. 348)

As historias contadas por Willian, as vividas por Geléia, são a realidade de uma grande parcela da atual juventude brasileira, se o problema da criminalidade não for combatido por todos “lados”, inclusive nos problemas vividos na infância, certamente o bem perderá essa luta e essas organizações ganharam cada vez mais força e poder, a ponto de desafiar o Estado de igual para igual.

7 O CANGAÇO

O fenômeno iniciou-se na segunda metade do século XVIII, na região do Recife, relatos mostram que a primeira pessoa a agir como “cangaceiro” foi José Gomes, conhecido popularmente como cabeleira. A origem da palavra “cangaço” vem de canga, um objeto feito de madeira que é usado no pescoço do boi para o transporte, como o “cangaceiro” tinha que carregar todos os seus objetos junto ao corpo deu-se o nome a partir dessa associação. O cangaço foi um fenômeno

presente no Nordeste Brasileiro cuja um bando nômade usando de força e violência praticavam crimes de variados tipos.

Nesse período essa região era assolada por uma seca terrível, que gerava uma série de problemas sociais, tais como, falta de água, fome, sede, desemprego e outros problemas do gênero que estão presentes lá até hoje. O que difere a situação do antes para o agora é o fato de o país ter melhorado e se organizado melhor, embora essa região não seja “uma maravilha hoje em dia” está bem melhor do que outrora.

Todos esses problemas mencionados tornavam a vida das pessoas muito difíceis, principalmente os cidadãos mais humildes então perante tamanha dificuldade alguns deles se uniram a esses bandos com a finalidade de praticar crimes de forma reiterada e muitas vezes organizada respondendo ao chefe da quadrilha, demonstrando assim a presença da hierarquia, deixando evidenciadas algumas das características do crime organizado.

Já o primeiro bando propriamente dito de que se tem notícia era a quadrilha de Jesuíno Alves de Melo Calado, o chamado Jesuíno Brilhante que também praticou seus crimes nessa época.

Os cangaceiros em geral viviam saqueando, roubando e matando, indo de fazendas em fazendas correndo e se escondendo, sequestrando coronéis e familiares com o intuito de posteriormente receber resgate, porém existia três grupos distintos presentes no cangaço, com práticas diferentes uns dos outros, um grupo atendia a ordem dos coronéis, eram responsáveis no cumprimento dos desmandos dos mesmos, ficavam incumbidos de “dar fim” nas pessoas que causassem algum tipo de empecilho para os coronéis, o segundo grupo gozava de maior liberdade ainda, eles também eram apoiados pelos coronéis, eram os “jagunços” mais confiáveis, tão confiáveis que recebiam o nome de “políticos”, o terceiro grupo eram os criminosos comuns, que agiam por conta própria aterrorizando de sítiantes a grandes coronéis, recebendo ordens apenas e tão somente do chefe do bando. Todos os três tipos gozavam de extrema destreza e conhecimento em se deslocar pelos cerrados e pela caatinga, dois tipos de vegetação nativa, com isso despunham de muita vantagem em relação às autoridades, tornando a captura dos mesmos praticamente impossíveis.

7.1 Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião

Sem dúvida alguma o cangaceiro mais famoso de todos os tempos era o senhor Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, agiu em quase todo o nordeste brasileiro no período de 1920 a 1930, com uma infância muito sofrida Virgulino teve seus pais assassinados, a mando de coronéis, quando era apenas uma criança. Quando completará 20 anos começou a trajetória que o tornaria famoso.

Para alguns, assassino sanguinário, para outros, herói justiceiro, Lampião seguiu sua caminhada sangrenta pelo Nordeste. Ele ficou conhecido como Lampião, pois segundo relatos da época, quando havia “briga”, Lampião atirava sem parar, fazendo com que o fogo que saía da ponta do cano do seu fuzil fosse quase constante, e como quase todos os confrontos com os “macacos” (polícia) eram noturnos, originou-se a associação da claridade oriunda do seu fuzil com um lampião de fato. Em troca de abrigo e comida, o bando de Lampião prestava segurança a alguns fazendeiros da época, que por acolher o bando eram chamados de “coiteiros”, no dia 28 de Julho do ano de 1938, um desses “coiteiros” traiu Lampião, foi na gruta da Fazenda Angico, após comerem e beberem comidas e bebidas que continham sonífero o bando adormeceu, no amanhecer da alvorada do outro dia o bando ainda estava muito sonolento e não viu quando a “volante” (polícia) se aproximou e se posicionou em lugares estratégicos, inclusive fazendo o uso de metralhadores de grosso calibre.

Relatos de sobreviventes afirmam que a maioria dos cangaceiros morreu dormindo, sem ao menos a chance de lutar, Lampião foi um deles, depois da matança, os mortos tiveram suas cabeças decepadas e expostas em praça pública com o intuito de inibir qualquer futura ideia da formação de um novo bando de cangaceiros.

Depois do fim de Lampião, chefes dos demais bandos acabaram se entregando, restando apenas o bando de Cristino Gomes da Silva Cleto, o corajoso “Corisco”, que chegou ao fim no dia 25 de Maio de 1940 com a morte do seu líder em confronto com a polícia.

8 CONCLUSÃO

Ante ao trabalho exposto, não há dúvidas de que o crime organizado está presente há tempos no Brasil, seja nos porões da ditadura, nas ruas e presídios da Capital de São Paulo ou nas areias escaldantes do sertão Nordestino.

O fato é que primeiramente as autoridades devem assumir a presença dele, esse seria o primeiro passo para a solução, a negatória mostrou ser o pior “pecado” das autoridades em relação a esse tema, mostrou ser o principal fator do surgimento e crescimento do mesmo.

Com as autoridades assumindo e encarando esse problema de frente, combinando com políticas de educação social, distribuição de renda, saúde, emprego, lazer, educação, planejamento familiar, segurança pública, leis mais severas, tudo isso junto, cominado com a extinção da corrupção, certamente as organizações criminosas tendem a perder força, diminuir e finalmente se extinguir do nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Carlos. **CV_PCC** : A irmandade do crime. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BRASIL. **Código Penal**. Brasília, DF, Senado, 1941. _____. Lei n. 9034, de 3 de maio de 1995. Dispões sobre a utilização de meios operacionais para a prevenção e repressão de ações praticadas por organizações criminosas.

Diário Oficial [da] União, Brasília, 3 de maio de 1995. _____. Lei n. 10.217, de 11 de abril de 2001. Altera os artigos 1 e 2 da Lei 9034, de 3 de maio de 1995, que dispõe sobre a utilização de meios operacionais para a prevenção e repressão de ações praticadas por organizações criminosas.

Diário Oficial da União, Brasília, 11 de abr. 2001.

CONVENÇÃO da Organização das Nações Unidas sobre a delinquência Organizada

Transnacional. Disponível em: <<http://www.ibccrim.org.br>>. Acesso em: 02 de set. 2009.

GOMES, Luís Flávio; CERVINI, Raúl. **Crime organizado**. 2. Ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.

OLIVIERI, Antônio Carlos. **O Cangaço**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Eduardo Araújo. **Crime Organizado: Procedimento Probatório**. São Paulo: Atlas, 2003.

Wikipédia. (Vários artigos científicos sobre o tema).

Disponível em:

<http://www.eunapolis.ifba.edu.br/informatica/Sites_Historia_EI_31/cangaco/Site/Cangaco.html> Acesso em: 22 de Março de 2015.

O Cangaço. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/19829897/O-Cangaco>> Acesso em 19 de Março de 2015.